

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



19 - Novembro - 1966

"AS AMIGAS"

("Le amiche")

FICHA TÉCNICA:

Realização — Michelangelo Antonioni

Argumento — Michelangelo Antonioni, sobre a novela
"Tradonne sole" de Cesare Pavese

Roteiro — Michelangelo Antonioni, Suso Cecchi D'Amico,
Alba de Cespedes

Fotografia — Gianni di Venanzo

Cenografia — Gianni Polidori

Música — Giovanni Fusco

Interpretação — Eleonora Rossi Drago, Valentina Cor-
tese, Yvonne Furneaux, Madeleine Fischer, Gabrielli
Ferzetti, Franco Fabrizi, Ettore Manni

Produção — Trionfalcine, 1955

★ Leão de Prata no Festival de Veneza de 1955.

Quarto filme de longa metragem na carreira de Michelangelo Antonioni — antes: "Crimes da alma" (1950), "Os vencidos" (1952), "La signora senza camélie" (1953); depois: "O grito" (1957), "A aventura" (1959), "A noite" (1961), "O eclipse" (1962), "O deserto vermelho" (1964) —, tem, desde logo, uma singularidade: é o único filme do grande realizador com uma origem literária, inspirado numa estória que não foi escrita por ele.

Mas vale bem dizer-se: inspirado. Porque em verdade, e não obstante toda a admiração nutrida ao escritor pelo cineasta, "As amigas" não segue, como filme, a novela de Cesare Pavese, como texto. Diria o próprio Antonioni que tomara livremente o relato de Pavese, por amar sobretudo suas personagens femininas e a maneira delas viverem interiormente. Um dos maiores escritores contemporâneos da Itália, Pavese, que se matou em 1955 com 47 anos, tinha como Antonioni uma lucidez implacável, aquela necessidade do absoluto que tanto caracteriza as suas obras. Daí, a impressão que muitos tiveram da influência do romancista sobre o cineasta, embora se tratasse mais de uma aproximação de sentimento sobre a vida. Há mesmo uma frase de Pavese que poderia definir, segundo vários, a posição de Antonioni: **"Todo o problema da vida consiste no seguinte: como romper sua própria solidão, como se comunicar com os outros"**.

Pierre Leprohon assinala, entretanto, que, à margem dos contactos, se veriam divergências entre os dois, e a tal ponto que **"As amigas"** seria talvez o menos **"pavesiano"** de todos os filmes de Antonioni: a diferença suprema estaria na visão das mulheres por um e pelo outro. Enquanto em Pavese haveria desprezo, em Antonioni há admiração e, mesmo, enorme ternura.

Aliás, o realizador nunca deixou de reconhecer que compreende melhor a psicologia feminina que a masculina. Acaso por ter nascido e se educado entre mulheres.

Poderá dizer-se, e com razão, que Antonioni conhece bem as mulheres da burguesia, e não todas as mulheres. O meio explorado em seus filmes tem sido o meio burguês, com exceção de **"O grito"**. E foi por isso que durante algum tempo existiu o equívoco de julgá-lo fora do neo-realismo ou do realismo **tout court**, como se não fôsse possível ao realismo olhar outros aspectos da vida que não o das camadas pobres,

como se Balzac não tivesse sido um grande realista ao fazer da burguesia o centro da **Comédia Humana**.

Outro engano se encontraria na crítica ao intimismo de Antonioni. Inicialmente, êle não é um intimista: atribuir densidade interior às personagens não significa esquecimento do contexto social, sempre lúcido e presente na sua obra. Depois, intimista que fôsse, nêle se observaria o processo interior verista dos tipos analisados. Substituindo formalmente o filme-espetáculo pelo filme-romance, Antonioni deu, como raros outros, um nível adulto a uma expressão artística que a maioria desejara ainda primitiva ou primária.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

PRÓXIMO PROGRAMA:

“A MOÇA COM A VALISE”, de Valério Zurlini